

Atuais Tendências em Formação de Palavras no Português Brasileiro

NEW TRENDS IN WORD-FORMATION IN BRAZILIAN PORTUGUESE

Carlos Alexandre Victorio **GONÇALVES***

Resumo: Este artigo é baseado no trabalho de Bogdan Szymanek, publicado no *Handbook of Word-Formation*, de 2005, sobre os fenômenos envolvidos na formação de palavras em inglês que se tornaram rotineiros nos últimos anos. Desse modo, seguindo a análise de Szymanek (2005) para o inglês, procuramos mapear as estratégias utilizadas na criação de vocabulário novo em português (variante brasileira), com vistas a abordar os fenômenos de ampliação lexical que estejam sinalizando algum tipo de modificação na morfologia dessa língua.
Palavras-Chave: Morfologia. Formação de Palavras. Tendências.

Abstract: This paper is based on the Bogdan Szymanek's work, published in the *Handbook of Word-Formation* (2005), on the phenomena involved in word-formation in English that become prominent nowadays. Thus, following the Szymanek (2005)'s analysis for English, we map the strategies used in the creation of new vocabulary in Portuguese (Brazilian variant), in order to describe the phenomena that exhibit some kind of change in morphology of this language.
Key-Words: Morphology. Word-formation. Trends.

Introdução

Este artigo é baseado no trabalho de Bogdan Szymanek, publicado no *Handbook of Word-Formation*, de 2005, sobre os fenômenos envolvidos na

* Doutor em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1997). Professor Associado do Setor de Língua Portuguesa da Faculdade de Letras da UFRJ. Contato: carlexandre@bol.com.br.

formação de palavras em inglês que se tornaram rotineiros nos últimos anos. Desse modo, seguindo a análise de Szymanek (2005) para o inglês, procuramos mapear as estratégias utilizadas na criação de vocabulário novo em português (variante brasileira), com vistas a abordar os fenômenos de ampliação lexical que estejam sinalizando algum tipo de modificação na morfologia dessa língua.

Convém, em primeiro lugar, esclarecer o título. A expressão “atuais tendências na formação de palavras” não deve ser interpretada como inovações descritivas ou abordagens teóricas recentes para a formação de palavras, mas como orientações diferentes na criação e na utilização de palavras complexas no português brasileiro contemporâneo. Seguindo Szymanek (2005), consideramos tendências atuais, na esfera da inovação lexical, usos e mecanismos não apontados por gramáticas tradicionais ou manuais de morfologia do português publicados até a década de 1990.

Algumas das forças que moldaram a formação de palavras em português, nos últimos anos, são bastante salientes e, por isso mesmo, fáceis de identificar, pois tendem a refletir várias das inovações por que vem passando a morfologia do inglês, em função de seu prestígio nos dias de hoje (BAUER, 2005; DUNKS, 2003; FANDRYCH, 2008). Tal é o caso das construções com os chamados xenoconstituintes, como *cyber-*, *wiki-*, *-leaks* e *e-*, amplamente analisados em Gonçalves & Almeida (2011). Outras, no entanto, são mais sutis, débeis ou obscuras para que sejam reconhecidas como tendências generalizadas no atual estágio da língua, como, por exemplo, novas acepções de formativos e o emprego de operações não concatenativas. Como lembra Szymanek (2005, p. 430), “o alcance real e a importância dessas inovações só se tornarão evidentes com o benefício da retrospectiva”.

Nas seções a seguir, descrevemos, nessa ordem, as analogias, os mecanismos não concatenativos, a emergência de afixos e/ou formas combinatórias e a utilização de novas operações morfológicas, situações que, para nós, sinalizam possíveis tendências na formação de palavras no português brasileiro contemporâneo. Nosso principal ponto de apoio, além das gramáticas tradicionais (BECHARA, 1983; CUNHA; CINTRA, 1985; ROCHA LIMA, 1975) e dos manuais de morfologia (MONTEIRO, 1987; SANDMANN, 1989; CARONE, 1990; ALVES, 1990), é o trabalho pioneiro de Sandmann (1985), um importante estudo sobre produtividade e inovação lexicais realizado na década de 1980. Em sua grande maioria, nossos dados provêm de páginas publicadas na *internet*, que tem a vantagem de reunir tanto material impresso que reflete a escrita padrão, como *sites* de jornais e revistas

de grande circulação nacional, quanto fontes escritas mais próximas da oralidade, como *blogs*, *chats* e postagens em redes sociais, como o *Orkut* e o *Facebook*.

1 Neologismos Derivacionais, Formações *Ex-Nihilo* e *Hapax Legomenon*

Como estamos interessados em descrever fenômenos em princípio inovadores na morfologia do português, são menos interessantes, mas igualmente dignas de nota, (a) a emergência de palavras complexas cunhadas de acordo com padrões produtivos e bem estabelecidos na língua, os neologismos derivacionais, e (b) a utilização de formas criadas *ex-nihilo* (“do nada”), sem ativação de qualquer processo morfológico, as chamadas criações de raiz. Exemplos do primeiro tipo são as recentes formações em (01), instanciações do esquema abstrato em (02)¹, a seguir, que responde principalmente pela nomeação de agentes (GONÇALVES, 1995; MARINHO, 2004; PIZZORNO, 2010):

- (01) blogueiro (“que vivem em *blogs*);
chapeiro (“que trabalha na chapa de fazer hambúrgueres”)
dogueiro (“que comercia/faz cachorro-quente”)
- (02) [[x]_{s_j} eiro]_{s_i}

Formas criadas *ex-nihilo* são mais raras, pois é extremamente difícil cunhar uma palavra sem qualquer tipo de motivação, seja ela morfológica (algum processo regular) ou semântica (extensões metafóricas ou metonímicas). Exemplos desse tipo são os adjetivos depreciativos ‘catilanga’, ‘mocreia’ e ‘baranga’, utilizados em referência a mulheres desprovidas de atributos físicos, na seguinte postagem acerca do *funk* “Melô da mulher feia”, de *Mc Marlboro*:

¹ Nesse esquema, baseado em Booij (2005), base e produto são indexados pelo símbolo subscripto _s, que representa a classe dos substantivos. Os subscritos _i e _j indicam que tanto a base, representada pela variável x, quanto o produto fazem parte do léxico.

- (03) Como era de se esperar do autor, excelente o texto. Que venham as **barangas, mocréias, catilangas** e etc.
(<http://vintemotivos.blogspot.com/2008/01/baranga.html>)

Neologismos derivacionais e criações *ex-nihilo* são diferentes dos chamados *hapax legomenon* (*hapax*, “uma só vez”, *legomenon*, “dito”, “o que se diz”), expressão grega utilizada em referência a palavras das quais se conhece uma única referência. A noção de *hapax legomenon* vem ganhando destaque em estudos sobre produtividade morfológica (BAUER, 2001, p. 115), pois “o número de *hapaxes* de um dado processo de formação de palavras pode ser visto como indicador de produtividade”. Como mostra Szymanek (2005, p. 430-431), todos os casos de *hapax legomenon* “são genuínos neologismos (alguns são simplesmente velhos ou mesmo palavras obsoletas, usadas apenas uma vez e depois esquecidas)”. Excelente fonte para o estudo dos *hapax legomena* é a linguagem literária, na qual se utilizam, por questões estilísticas, inúmeras construções morfológicamente complexas empregadas uma única vez, a exemplo de ‘chuvadeira’, ‘chuvinhenta’ e ‘chuvil’, que constam do poema *Caso pluvioso*, de Carlos Drummond de Andrade:

- (04) Chuvadeira maria, chuvadonha,
chuvinhenta, chuvil, pluvimedonha!

2 Formações Analógicas e Decomposições Sublexicais

Além da produtividade de determinado esquema de formação, palavras complexas são muitas vezes criadas por espelhamento em outras. Tal é o caso das formações analógicas, definidas por Bauer (1983, p. 96) como construções morfológicas “claramente modeladas por um lexema complexo já existente, não dando origem a uma série produtiva”. Formações analógicas podem se espelhar em compostos ou derivados. Exemplo do primeiro tipo é ‘lista branca’, antônimo logicamente cunhado a partir de ‘lista negra’, “relação de alguma entidade ou pessoa física que nega algum privilégio, serviço, participação ou mobilidade a alguém ou a alguma entidade em determinada situação, período de tempo ou lugar” (http://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_negra). Exemplos do segundo tipo são ‘lerdox’, inspirado em ‘velox’, nome de um provedor de banda larga, e ‘aguaréu’, sem dúvida alguma modelada a partir de ‘fogaréu’, “fogo muito alto”:

- (05) Quando o **aguaréu** não deu mais chances e todos os transeuntes sumiram, a fim de se salvarem, tudo ficou ainda mais fácil para o cachorro.

(<http://cronopios.com.br/site/prosa.asp?id=4843>)

Oi **Lerdox** consolida sua liderança mais uma vez com o título pior internet do mundo com muitos e muitos e muitos clientes satisfeitos ao redor da galáxia 11 e dos seres humanos os famosos “bobocas” da **Lerdox**.

<http://www.reclameaqui.com.br/1400460/oi-telefonia-velox/oi-lerdox-a-pior-internet-do-mundo-por-apenas-39-90-aproveit/>

Muitos formações analógicas são casos de *hapax legemon*, como ‘enxadachim’, de Guimarães Rosa, cunhada com base em ‘espadachim’ (BASILIO, 1997), e ‘bucetante’, de Agamenon Mendes Pedreira (Jornal *O Globo*), inspirada em ‘picante’ (ASSUNÇÃO; GONÇALVES, 2009). Outras, no entanto, ganham força lexical e são bastante usuais nos dias de hoje, como ‘bebemorar’, ‘trêbado’ e ‘monocelha’, que remetem, nessa ordem, a ‘comemorar’, ‘bêbado’ e ‘sobrancelha’:

- (06) Chegou a hora vamos **bebemorar**

De ambulância, de jegue, de taxi, carro de colo, de bike, de bode

Se dane o transporte

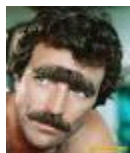
Bebemorar eu vou

Chegou a hora vamos **bebemorar**

(Música do compositor Latino, “bebemorar”)

A tranquila Rua Artur Porchat de Assis nº 42, Ed. Artur Assis, foi palco de cenas “Dantescas” na madrugada do 1º dia do ano. Jovens **trêbados**, homens/mulheres, se arrastando na portaria do prédio, uma jovem dormia no sofá do saguão. Latas e copos de cervejas espalhados pelo chão.

(<http://flitparalisante.wordpress.com/2012/01/02>)



Monocelha: Aquele que tem as sobrancelhas emendadas. Pessoas normais têm sobrancelhas que são divididas ao meio; monocelha vem de mono, "uma só", o popular João Pestana.
(<http://www.dicionarioinformal.com.br/monocelha>)

Plag (1999, p. 20) afirma que "formações analógicas devem ser distinguidas de instanciações de regras produtivas". No entanto, uma formação analógica isolada pode dar origem a um novo afixo e, em decorrência, a um esquema produtivo. Desse modo, como argumenta Szymanek (2005, p. 431), "não parece possível ou apropriado dissociar completamente ambos os conceitos, ou seja, analogia e (alta) produtividade". Evidências de que a analogia pode explicar a criação de afixos (ou a reativação de afixos pré-existentes de baixa produtividade) em várias línguas são apresentadas em Joseph (1998), Bauer (2005) e Booij (2005). Em português, um caso particularmente interessante é o do sufixo *ete*, em dados como 'paniquete' ("dançarina do programa *Pânico na TV*) e 'ronaldete' ("admiradora fanática do ex-jogador Ronaldo")².

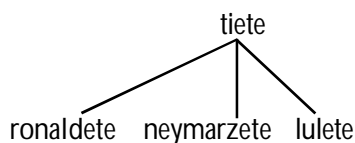
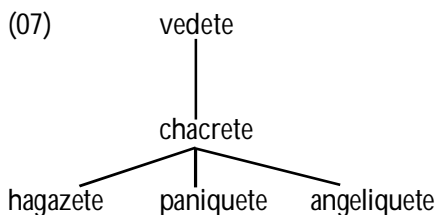
Formas mais antigas em *-ete* datam do final do século XIX (CUNHA, 1975) e são interpretadas como diminutivas pela maior parte dos autores (cf., p. ex., COUTINHO, 1973; BECHARA, 1983; CUNHA; CINTRA, 1985). Nos dicionários, analisa-se tal sufixo como formador de substantivos femininos. Seu primeiro registro, no entanto, consta do séc. XVI, a palavra 'canivete' (BUENO, 1988). De acordo com o Houaiss eletrônico (2007), formas terminadas em *ete* entram na língua sobretudo no séc. XIX, por meio de palavras oriundas de outras línguas: são galicismos, como 'tablete' (1924) e 'garçonete' (1975), anglicismos, como 'basquete' (1923) e 'chiclete' (1933), e italianismos, como 'confete' (1910) e 'espagete' (1903). Para o dicionarista, *-ete* também é empregado "com sentido de exotismo" em palavras como 'vedete' (1920) e 'tiete' (1960). Não há qualquer menção ao sufixo em manuais de morfologia do português, nem mesmo em Sandmann (1985), o que pode sinalizar a possível improdutividade desse formativo.

² Estamos abordando aqui o sufixo com vogal média aberta, [ɛtʃi], que difere do homógrafo [ɛ.tʃi], com vogal fechada, encontrado em palavras como 'bracelete' e 'banquete'.

Como explicar os recentes usos de *-ete* se o sufixo não é vernáculo e a grande maioria das formações mais antigas é totalmente opaca em termos de estruturação morfológica? Como justificar as acepções “dançarina do programa (de) X” e “admiradora fanática de X”, se as formações mais antigas não remetem a esses significados?

Ao que tudo indica, o gatilho para a criação de formas como ‘hagazete’ (“dançarina do Programa H”) é ‘chacrete’, nome dado às bailarinas que atuavam no programa do animador de televisão Abelardo Barbosa, o Chacrinha (1918-1988): “E nos espelhos ela se despe, / Dança nos olhos uma **chacrete** / E o pessoal na pior: Repete!” (Ivan Lins, *Dinorah*). Esse nome, no entanto, parece ter-se espelhado em ‘vedete’, termo usado em referência às atrizes que, no teatro de revista, “sobressaíam durante as apresentações e que se constituíam, muitas vezes, no grande atrativo destas” (www.pt.wikipedia.org/wiki/Vedete) ou que “apresentavam espetáculo teatral composto de números falados, musicais, coreográficos e humorismo, exibindo a beleza do corpo com pouca roupa de forma exuberante” (www.dicionarioinformal.com.br/vedete).

A forma ‘tiete’³, por sua vez, apesar de monomorfêmica, parece ter desencadeado a produção de palavras como ‘neymarzete’ (“fã do jogador Neymar”) e ‘lulete’ (“admiradora do ex-presidente Lula”), já que significa “admirador ou admiradora fanática de alguém, especialmente um artista, desportista ou político; pessoa que tem grande afeição ou demonstra grande interesse por (alguém ou algo)” (www.dicionarioinformal.com.br/tiete). Em (07), a seguir, representa-se o possível caminho para as formações agora instanciadas pelo esquema [[X]_{SJ} ete]_{SI}.



³ De acordo com o Houaiss eletrônico (2007), a palavra ‘tiete’ surgiu no final da década de 70 para designar as admiradoras (fãs) do cantor Ney Matogrosso e mais tarde tornou-se sinônimo de admirador fanático de qualquer artista, celebridade ou personalidade importante de determinada área.

Como se vê, formações analógicas podem estar na base de novos usos para afixos antes improdutivos e, nesse sentido, não podem ser inteiramente dissociadas das instanciações por padrões produtivos. Mais adiante, na seção 5, comentamos, com mais detalhamento, o papel da analogia na criação de *splinters*, partículas recorrentes oriundas de processos não concatenativos. Antes, porém, vale a pena mencionar duas outras situações de analogia encontradas em português.

Um tipo de analogia envolvendo a estruturação interna de palavras pode ser chamada de decomposição sublexical (GONÇALVES; ANDRADE; ALMEIDA, 2010), na qual, por questões expressivas e com base unicamente na forma, reconhecem-se duas ou mais unidades lexicais em itens lexicais não necessariamente complexos, como se vê nos exemplos em (08), do Dicionário Português-Português, disponível no seguinte endereço: <http://www.mail-archive.com/piadas.news@grupos.com.br/msg00468.html>.

- (08) pressupor - colocar preço em alguma coisa.
homossexual - sabão em pó para lavar as partes íntimas.
barracão - proíbe a entrada de caninos.
detergente - ato de prender seres humanos.
entreguei - estar cercado de homossexuais.
barganhar - receber um botequim de herança.
halogênio - forma de cumprimentar pessoas muito inteligentes.
contribuir - ir para algum lugar com vários índios.
aspirado - carta de baralho completamente maluca.
cerveja - e o sonho de toda revista.
caçador - indivíduo que procura sentir dor.
volátil - avisar ao tio que você vai lá.
assaltante - um "a" que salta.
pornográfico - o mesmo que colocar no desenho.

Constam do mesmo "dicionário" itens lexicais em que uma de suas partes remete, por questões estritamente fonológicas, a um radical ou um afixo. Essa semelhança formal leva a interpretar tais formas como derivadas, isto é, estruturadas conforme os esquemas [X [Y]]_y (prefixação) ou

[[X]_x Y_y]_y (sufixação)⁴:

- (09) testículo - texto pequeno.
estouro - boi que sofreu operação de mudança de sexo.
expedidor - mendigo que mudou de classe social.
diabetes - as dançarinas do diabo.
missão - culto religioso com mais de três horas de duração.
padrão - padre muito alto.
democracia - sistema de governo do inferno.
ministério - aparelho de som de dimensões muito reduzidas.
bimestre - indivíduo com dois títulos de mestrado.

3 Mudanças na Importância Relativa dos Tipos de Processos de Formação de Palavras

Como aponta Szymanek (2005, p. 231), “é difícil avaliar e comparar, em termos globais, a contribuição relativa de diferentes processos de formação de palavras para o estoque de novos vocábulos”. No entanto, existem tendências universais no emprego de recursos morfológicos e o português se comporta como as demais línguas nesse aspecto. Para Sapir (1921, p. 59), “alguns processos gramaticais, como a afixação, são extremamente difundidos; outros, como a mudança vocálica, são menos comuns”; além disso, “dos três tipos de afixação – o uso de prefixos, sufixos e infixos – a sufixação é muito mais comum” (SAPIR, 1921, p. 67).

As generalizações apontadas em Sapir (1921) podem ser interpretadas, no contexto da discussão aqui encaminhada, como indício de que a sufixação tem sido – e ainda é – a principal fonte de novas palavras complexas em

⁴ Nesses esquemas, encontrados em Booij (2005), as variáveis X e Y representam seqüências fonológicas e os subscritos x e y, categorias lexicais. O esquema da prefixação expressa que essa operação morfológica é neutra categorialmente, sendo a classe gramatical das palavras prefixadas idêntica à de sua base, que constitui a cabeça. No caso da sufixação, no entanto, o elemento preso carrega informação sintática e constitui cabeça lexical, por determinar tanto a categoria sintática quanto o gênero do produto. Para Booij (2005), esquemas como esses fazem parte do léxico e representam o pareamento da estrutura formal com a semântica.

português (assim como em muitas outras línguas). De fato, além do uso de sufixos fartamente abordados tanto pela tradição gramatical quanto por manuais de morfologia, como *dor*, *vel*, *ista* e *mente*, o português atual vem se caracterizando pelo emprego de radicais neoclássicos que se transformaram em sufixos. Tal é o caso, por exemplo, de *logo*, *metro*, *latra* e *dromo* (RONDININI, 2004; RONDININI; GONÇALVES, 2007; GONÇALVES, 2011a), com instanciações recentes exemplificadas em (10), a seguir:

- | | | | |
|------|-------------|-------------|----------------|
| (10) | beijólogo | barrigólogo | cigarrólogo |
| | bucetólogo | boiolódromo | bodódromo |
| | fumódromo | trepódromo | desconfiômetro |
| | olhômetro | mancômetro | boiolômetro |
| | orkutólatra | cinemólatra | cuzólatra |

Outros sufixos recém-incorporados à língua são *ê* e *itcho* ([i.tʃu]), referenciados em Gonçalves (2005a). O primeiro, manifestando a noção de intensidade, cria substantivos a partir de substantivos (11). O segundo parece ter sido formado a partir do dimensivo *-ito* pela substituição da oclusiva alveolar [t] pela africada palato-alveolar [tʃ], o que confere maior expressividade à construção. Utilizado em referência a algo (ou alguém) avaliado positivamente pelo emissor, *-itcho* também se anexa a substantivos para formar novos substantivos (12):

- (11) miserê, fumacê, balancê, baguncê, mulherê, fuzuê (cf. GONÇALVES, 2005a, p. 78)
- (12) corpitcho, roupitcha, cabelitcho, papitcho (cf. PAULA; SOUZA, 2011, p. 123)

Bauer (2003) argumenta que, em inglês, a “preferência pela sufixação” é reforçada pela tendência crescente, nos dias de hoje, do uso de afixoides em posição inicial, o que caracterizaria uma mudança tipológica na morfologia dessa língua. Sem querer diminuir o alcance da prefixação no português contemporâneo, já que continuamos a utilizar vários prefixos para formar novas palavras, como em ‘destucanização’ e ‘redolarizar’, é também notável em nossa língua o crescente uso de afixoides em posição inicial, como *eco-*, *foto-*, *tele*, *petro-* e *bio-*, entre tantos outros. Dessa maneira, competem, na

borda esquerda da palavra, prefixos antigos, de uso consolidado na língua, como *re-*, *des-* e *pré-*, e prefixoides, discutidos com mais vagar na seção 6, que aborda o fenômeno da recomposição.

Muitos dos radicais gregos e latinos listados em gramáticas tradicionais hoje se comportam como prefixos⁵, sendo reconhecidos como tais por autores de diferentes filiações teóricas, a exemplo de Goés (1937), Bueno (1988), Sandmann (1989) e Monteiro (1987):

- (13) *bi-* (bisavô, bissexual); *mini-* (minissaia, minidicionário); *multi-* (multissecular, multiangular); *pluri-* (pluricêntrico, pluricelular); *vice-* (vice-presidente, vice-diretor); *ambi-* (ambivalência, ambidestro); *macro-* (macrocosmo, macrobiótica); *micro-* (microcomputador, microcosmo); *poli-* (poligamia, politeísmo); *mega-* (megacomício, megaevento).

A composição também vem contribuindo com um sem-número de itens lexicais recentes em português, em particular nos compostos N-(de)-N do tipo endocêntrico, como as construções com 'bolsa' ('bolsa-família', 'bolsa-escola'), 'auxílio' ('auxílio-aluguel', 'auxílio-alimentação'), 'vale' ('vale-refeição', 'vale-transporte') e 'seguro' ('seguro-saúde', 'seguro-desemprego'), analisadas primeiramente em Almeida (2010) e posteriormente em Faria (2011). Tais formas são abundantes nas duas últimas décadas e, de acordo com Faria (2011, p. 115),

além da noção de ajuda de custo (benefício social) que as formações 'bolsa-família' e 'bolsa-escola' acionam, percebemos também a noção compensatória, advinda de uma política em que o governo oferece "benefícios" aos cidadãos, de modo a suprir direitos básicos (saúde, educação, trabalho, alimentação, lazer, moradia), na tentativa de mascarar os fracassos sucessivos da administração pública ou, poderiam dizer alguns, de mascarar a corrupção tão conhecida nossa, no cenário político brasileiro.

⁵ Uma evidência em favor da análise das formas em (13) como prefixos é a natureza de seus significados. Os elementos em (13) atualizam significados compatíveis aos de advérbios, numerais e preposições, como outros prefixos da língua, a exemplo de *re-* e *intra-*.

Compostos N-N expressivos são também muito comuns nos dias de hoje. A título de exemplificação, analisemos dois padrões: [[x]_{S_i} bomba_{S_j}] e [mulher_{S_i} [x]_{S_j}]. No primeiro caso, a nova formação ‘bueiro-bomba’, empregada por conta dos vários episódios envolvendo explosão de bueiros na cidade do Rio de Janeiro, reflete, em tom de ironia, a estruturação de ‘homem-bomba’, ‘carta-bomba’ e ‘avião-bomba’, entre outras. No segundo caso, vêm sendo cada vez mais comuns nomes em que um aspecto específico do corpo da mulher é ressaltado em função da fruta especificada na segunda posição de compostos em que ‘mulher’ é cabeça lexical, como se vê nos exemplos em (14). De acordo com o *Wikipedia*,

mulher-fruta é a designação dada a um fenômeno do funk carioca surgido na primeira década do século XXI, quando uma série de dançarinas começou a ganhar destaque no cenário do funk brasileiro. O sucesso logo se espalhou para outras mídias, sendo citadas desde a página da Academia Brasileira de Letras, músicas, participações no Carnaval no Rio de Janeiro até a chamada mídia erótica, com inúmeras capas de revistas publicadas num curto período.

(14) mulher-melancia, mulher-melão, mulher-moranginho, mulher-jaca, mulher-cereja, mulher-maçã, mulher-pera, mulher fruta-pão.

Por extensão, formas como ‘mulher-filé’ e ‘mulher-siri’ começaram a aparecer na mídia, o que reflete a fixação do padrão. De acordo com Szymanek (2005, p. 432), a facilidade com que falantes produzem compostos novos pode ser atribuída ao fato de esse processo não ser limitado por restrições gramaticais (ao contrário do uso de muitos afixos), “salvo alguns requisitos semânticos gerais e fatores pragmáticos (extra-gramaticais), como, por exemplo, a exigência de nomeabilidade”. Para Bauer (1983, p. 86), um item lexical “deve denotar algo que seja nomeável” ou, podemos acrescentar, algo que valha a pena nomear, do ponto de vista do emissor.

O usuário da linguagem contemporânea também recorre, muitas vezes, a outros padrões de composição. Por exemplo, as últimas décadas têm sido marcadas por um aumento considerável no uso dos chamados compostos neoclássicos, construções com bases presas de origem grega ou latina, a exemplo de ‘sociopata’, ‘pedófilo’ e ‘heterofóbico’, entre tantas outras. A título de exemplificação, observe-se a série de palavras a seguir, todas iniciando

com o radical preso 'eletro': 'eletro-doméstico', 'eletro-eletrônico', 'eletro-choque', 'eletro-magnetismo', 'eletro-fita', 'eletro-nuclear', 'eletro-técnica'.

Ocasionalmente, surgem novas formas presas utilizadas na primeira posição de compostos, como, por exemplo, *nano-*, partícula oriunda do grego *nannós*, "anão", usada atualmente com o significado de "extremamente pequeno", e as unidades de medida *tera-*, do grego *téras*, que significa "monstro", e *giga-*, do grego *gigas*, "gigante":

- (15) nano-partículas, nano-tecnologia, nano-ciência, nano-cristalização;
tera-*byte*, tera-grama, tera-*hertz*, tera-volt, tera-unidade;-
gigabyte, giga-desconto, giga-elétron, giga-*pixel*, giga-fóton.

Não podemos deixar de destacar a derivação regressiva, a parassíntese, os *blends* e outros processos de formação de palavras considerados "menores", "especiais" ou "marginais", que também contribuem substancialmente para a criação de palavras muito recentes. A produtividade da derivação regressiva, considerada um "tipo de derivação muito raro ultimamente", mas que "já foi mais comum" (MARONEZE; BARAZIM, 2008, p. 18), pode ser constatada com dados como 'rala', 'fico' e 'chego', palavras informais utilizadas na nominalização dos verbos 'ralar' (no sentido de "namorar mais intimamente"), 'ficar' ("namorar por curto período de tempo") e 'chegar' ("vir"). A título de exemplificação, observe-se o seguinte exemplo de 'fico', extraído de Maronezi & Barazim (2008, p. 18):

- (16) Em meio ao esforço de transformar *wannabes* em celebridades, estão centenas de agentes e assessores de imprensa. São eles que alardeiam pequenos casos ou mesmo "**ficos**" como namoros sérios, para colocar a imagem de seus clientes na mídia. (Época, 12/5/2005)

Padrões de parassíntese responsáveis pela formação de verbos nos dias de hoje (cf. CASTRO DA SILVA, 2012) são [a [x]_{Nj} ar]_{V, i'}, que forma palavras como 'atucanar' ("passar para o PSDB", partido político representado por um tucano), [en [x]_{Nj} ar]_{V, i'}, que cria formas como 'embuacar' ("ficar bruaca"), e [en [x]_{Nj} ecer]_{V, i'}, que instancia, por exemplo, 'enerdecer' ("virar *nerd*"). Investigando a produtividade e o comportamento morfossemântico de construções parassintéticas no português brasileiro, Castro da Silva (2012, p. 180) destaca que "o entrincheiramento de construções contribui para sua

maior produtividade, ao passo que o entrincheiramento de palavras impede sua reanálise pela força paradigmática”. Em função disso, justifica a improdutividade do esquema [a [x]_{N_j} ecer]_{V_i} no português atual.

Blends, *clippings* e acrônimos constituem outra área da formação de palavras do português contemporâneo em que os neologismos são abundantes, razão pela qual não podemos deixar de destacar, na próxima seção, a vitalidade dos chamados processos não concatenativos de formação de palavras.

4 Os Processos Não Concatenativos de Formação de Palavras

Em linhas gerais, os processos chamados de não concatenativos (ou não lineares) se diferenciam dos aglutinativos pela ausência de encadeamento. Nas operações aglutinativas, como a composição, a prefixação e a sufixação, um formativo se inicia exatamente no ponto em que outro termina, como em ‘bolsa-ditadura’ (“benefício pago pelo governo para reparar danos impostos a cidadãos brasileiros durante o regime militar”), ‘pré-sal’ (“porção do subsolo que se encontra sob uma camada de sal situada abaixo do leito do mar”) e ‘psdista’ (“adepto do PSD”, novo partido político brasileiro). Nos processos não concatenativos, a sucessão linear dos elementos morfológicos pode ser rompida por reduções, fusões, intercalações ou repetições, de modo que uma informação morfológica não necessariamente se inicia no ponto em que outra termina.

Não descritos de forma sistemática em nossa língua e interpretados como irregulares pela maior parte dos estudiosos que lhes dedicaram alguma atenção, os processos não concatenativos são sempre referenciados como “imprevisíveis” (SANDMANN, 1990), “não-suscetíveis de formalização” (LAROCA, 1994), “marginais” (ALVES, 1990) e até mesmo “limitados” (CARONE, 1990). Gonçalves, que vem analisando essas operações há algum tempo (GONÇALVES, 2003, 2004, 2005b, 2006), mostra que sua regularidade “provém da integração de primitivos morfológicos com primitivos prosódicos e, por isso, uma abordagem mais compreensiva de tais fenômenos requer enfoque a partir da interface Morfologia-Fonologia” (GONÇALVES, 2004, p. 26). Em Gonçalves (2006), propõe-se que essas operações morfofonológicas sejam distribuídas em três grandes grupos: (a) processos de afixação não linear (reduplicação); (b) processos de encurtamento (truncamento e hipocorização); e (c) processos de fusão (cruzamento vocabular e siglagem). Abordamos, a seguir, cada um desses mecanismos, focalizando, em especial, os *blends* e os *clippings*.

Um padrão de reduplicação em uso no português contemporâneo é a formação de nomes a partir da repetição de formas verbais na 3ª. pessoa do singular (Vialli, 2008). Manifestando iteratividade, formações como ‘esfrega-esfrega’, ‘roça-roça’ e ‘rala-rala’ são bastante comuns em *blogs*, *chats* e *posts*. São também usuais na mídia impressa, como na seguinte manchete do Jornal Meia-Hora, usada em referência às já aludidas explosões de bueiros na cidade do Rio de Janeiro: “Mais um na onda do estoura-estoura”.

Hipocorísticos, como ‘Lena’ (de ‘Marilena’) e ‘Rafa’ (de ‘Rafael’), derivam de nomes próprios e são adotados com o propósito de demonstrar intimidade ou afetividade (THAMI DA SILVA, 2008; LIMA, 2008). De um modo geral, são reservados ao tratamento por parte de familiares, amigos íntimos ou pessoas com quem haja relação afetiva. Por isso, são bastante frequentes nas redes sociais e pouco usuais na escrita formal. Na mídia impressa, são muitas vezes empregados em tom de ironia, como no seguinte comentário de leitor, no Jornal Extra de 19/05/2011: “Se ela demitisse, “de mentirinha”, o **Toninho Palocci**, quem sabe não convenceria os inocentes úteis de que o PT não rouba?”.

Siglas (alfabetismos e acrônimos⁶) são amplamente criadas no português atual. Considere os seguintes exemplos, todos bastante recentes: UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), UPA (Unidade de Proteção Ambiental), PNE (Plano Nacional de Educação) e ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio). Uma característica que define as siglas, diferentemente das demais palavras formadas por outros processos também considerados não morfêmicos, é o fato de serem maciçamente formadas na modalidade escrita, embora algumas poucas sejam utilizadas, na fala, como eufemismos, a exemplo de FDP (“filho da puta”).

Um novo fenômeno, identificado na literatura recente (Fandrich, 2008), é o aumento das chamadas siglas reversas, nas quais os criadores partem de uma sigla de uso geral que querem reinterpretar e, a partir das letras, “encontram palavras que representem a ideia que pretendem veicular”

⁶ Acrônimos são siglas cuja combinação de letras possibilita pronunciar a nova forma como uma palavra da língua, a exemplo da recente UPA (Unidade de Pronto Atendimento), realizada [‘u.pæ], em que a sequência de letras segue os padrões fonotáticos do português. Alfabetismos, ao contrário, são siglas produzidas de forma soletrada, como UPP (Unidade de Polícia Pacificadora), realizada [u.pc.‘pe].

(SZYMANEK, 2005, p. 435). Intenções irônicas são a força-motriz por trás das seguintes reinterpretações jocosas:

- (17) MMA – Monte de Machos se Agarrando
- SUS – Sistema Único de Sacanagem
- CCE – Compra, Conserta e Estraga
- FIAT - Fui Inganado, Agora é Tarde
- UVA – União dos Vagabundos Aposentados
- UPP – União de Policiais Pervertidos
- CPMF – Contribuição Provisória para Mineiros Fodidos

De todos os processos não concatenativos de formação de palavras, os mais importantes, em função do papel que vêm desempenhando na morfologia do português, são o cruzamento vocabular (*blend*) e o truncamento (*clipping*).

De acordo com Fandrich (2008), o termo *blend* é metafórico, já que vem a ser utilizado em referência à mistura de partes aleatórias de lexemas existentes. Nesse sentido, as formas resultantes refletem, iconicamente, as palavras-matrizes. Em português, os *blends* (também chamados de palavras-valise (ALVES, 1990)) consistem de dois elementos, uma característica que os torna semelhantes a compostos. No entanto, ao contrário da composição, seus constituintes não são morfemas plenos, mas partes de lexemas, como em ‘crentino’ (‘crente’ + ‘cretino’ = “religioso falso”), ‘lixeratura’ (‘lixo’ + ‘literatura’ = “literatura de má qualidade”) e ‘aborrescente’ (‘adolescente’ + ‘aborrece’ = “adolescente que aborrece”).

Blends são menos transparentes que compostos e tendem a ser utilizados para chamar a atenção em textos publicitários, jornalísticos e literários, tendo, por isso mesmo, curta duração, em decorrência de sua efemeridade (ADAMS, 2001, p. 141). São bastante populares por causa de sua criatividade (FANDRICH, 2008). De acordo com Stockwell & Minkova (2001, p. 7), *blends* constituem “uma área da formação de palavras, em que a inteligência pode ser recompensada pela popularidade instantânea”. Crystal (1995, p. 130) concorda que esse tipo de formação “parece ter aumentado em popularidade na década de 1980, sendo cada vez mais utilizado em contextos comerciais e de publicidade”; no entanto, “permanece uma questão em aberto se são usados por mais de uma década” (SZYMANEK, 2005, p. 434). Alguns exemplos bastante recentes são listados em (18), a seguir, todos extraídos de Andrade (2008):

- (18) Celebutante (celebração + debutante)
 Pilantropia (pilantra + filantropia)
 Presidengue (presidente + dengue)
 Ronalducho (Ronaldo + gorducho)
 Rouberto (roubo + Roberto (Jefferson))
 Urubuservar (urubu + observar)
 Craquético (craque + caquético)
 Daslucro (Daslu + lucro)
 Escragiário (escravo + estagiário)
 Jeguerino (jegue + Severino (Cavalcanti))
 Nepetismo (nepotismo + petê (PT))
 Petelho (petê (PT) + pentelho)

O processo de *clipping* (ou truncamento) está por trás de outra grande parcela de neologismos no português contemporâneo. De acordo com Plag (2003, p. 116), *clipping* é “o processo em que a relação entre uma palavra derivada e sua base é expressa pela falta de material fonético na palavra derivada”. Para Gonçalves (2011c), *clipping* é processo pelo qual uma palavra-matriz é encurtada sem distanciamento de significado, mas com frequente “mudança no valor estilístico da palavra” (BAUER, 1988, p. 33). Segundo Gonçalves (2011c), truncamentos, em português, podem ou não ser efetuados em constituintes morfológicos. Nos compostos neoclássicos, os elementos de primeira posição podem, pelo processo de *clipping*, ser utilizados sozinhos em referência a todo o composto de onde foram extraídos, adquirindo, com isso, estatuto de palavra. É o que se vê nos dados em (19), a seguir, utilizados tanto na fala quanto na escrita:

- | | |
|---|--|
| (19) Tive que fazer dois <i>eletros</i> . | Meu filho passou para <i>odonto</i> . |
| Comprei dois <i>micros</i> . | Meus <i>oftalmos</i> são excelentes. |
| Fiz duas <i>ultras</i> ontem. | A faculdade só tem quatro <i>retros</i> . |
| Estou fazendo <i>psico/sócio</i> . | Tenho que me consultar com um <i>neuro</i> . |
| Meus filhos são <i>héteros</i> . | Tenho um irmão <i>homo</i> . |
| A casa dispõe de duas <i>hidros</i> . | Preciso urgentemente de um <i>pneumo</i> . |
| Hoje vou ao <i>zoo</i> . | Minha prima é <i>fono</i> . |
| O <i>gastro</i> de lá é péssimo. | Já fiz dois <i>cardios</i> . |

Truncamentos, no entanto, podem incidir em elementos não morfêmicos, a exemplo de ‘profe’ (< ‘professor’), ‘refri’ (< ‘refrigerante’) e ‘visu’ (‘visual’). Bauer (1988, p. 33) duvida do estatuto morfológico desse tipo de *clipping*: “uma vez que as partes excluídas [...] não são claramente morfes em qualquer sentido, não é necessariamente o caso de o *clipping* fazer parte da morfologia, embora seja uma maneira de formar novos lexemas”. Para Fandrich (2008, p. 116), no entanto, o *clipping* “é certamente um processo de formação de palavras”, pois, “em muitos casos, testemunhamos disassociação semântica”, já que o encurtamento “muda registros ou estilos em comparação aos seus equivalentes completos”. Sem dúvida alguma, é isso o que acontece com os exemplos em (20), a seguir, extraídos de Gonçalves (2011c):

- | | | |
|------|----------------------|---------------------|
| (20) | português – portuga | delegado – delega |
| | baterista – batera | salafório – salafra |
| | proletário – proleta | comunista – comuna |
| | vestibular – vestiba | cocaína – coca |
| | Maracanã – Maraca | cerveja – cerva |
| | vagabunda – vagaba | grã-fino – granfa |
| | São Paulo – Sampa | free-lancer – frila |

Na próxima seção, mostramos que tanto o cruzamento vocabular quanto o truncamento devem ser tratados no âmbito da formação de palavras pelo simples fato de, apesar de não morfêmicos, estarem na base da criação de novos morfemas. Esse é um argumento forte para abordar tais processos no âmbito da formação de palavras, ao contrário do que sugerem, entre outros, Štekauer (1998) e Haspelmath (2002), já que podem projetar sequências fônicas à condição de formas combinatórias iniciais ou finais.

5 Surgimento de Novos Formativos

A criação de constituintes morfológicos pode ser definida “como um caso em que novo afixo estabeleceu-se por si só porque falantes começaram a percebê-lo em um grupo de palavras emprestadas” ou porque “reinterpretaram determinada palavra existente (que pode ser nativa ou estrangeira)” (SZYMANEK, 2005, P. 435). No primeiro caso, tem-se o uso dos chamados xenoconstituintes (GONÇALVES; ALMEIDA, 2011), como *cyber*, *wiki* e *e*, que, combinados com bases nativas, formam palavras como

'*cyber-avó*' ("avó moderna, "antenada" com as novas tecnologias digitais"), '*wiki-aves*' ("enciclopédia digital sobre aves") e '*e-professor*' ("professor virtual"). No segundo caso, de acordo com Rundblad & Kronenfeld (2000, p. 28), o fenômeno pode ser visto como um espécie de etimologia popular (*folk etymology*): "palavras opacas são, curiosamente, na medida em que suas formas permitem, muitas vezes reinterpretadas como compostos ou afixações que consistem de duas partes", a exemplo de 'madrasta' e 'patrocínio', analisadas como 'má-drasta' e 'pa(i)-trocínio', o que licencia as formas em (21).

- (21) sogradrasta, irmãdrasta, tiadrasta, avódrasta, paidrasto, primadrata
tiotrocínio, mãetrocínio, avôtrocinio, irmãotrocínio, autotrocínio

Gonçalves & Almeida (2011) observam que vem sendo cada vez mais frequente, especialmente em áreas como a informática e o comércio eletrônico, o emprego de elementos morfológicos recém-criados em inglês a partir de processos como o truncamento e a abreviação, a exemplo, nessa ordem, de *cyber-* (encurtamento de '*cybernetics*') e *e-* (abreviação de '*eletronic*'). Para os autores, "essa situação – que pode parecer banal à primeira vista, já que são bastante comuns empréstimos do inglês nessas áreas – vem favorecendo a acentuada proliferação de elementos não nativos nas estruturas morfológicas do português" (GONÇALVES; ALMEIDA, 2011, p. 105). De fato, formativos como esses também se adjungem a bases vernáculas e, por isso mesmo, "criam esquemas de formação de palavras que acabam se conformando aos padrões construcionais existentes na língua" (GONÇALVES; ALMEIDA, 2011, p. 106). No quadro a seguir, enumeram-se e exemplificam-se os xenocostituintes em uso no português contemporâneo:

Elemento	Forma de origem	Significado	Exemplos
<i>cyber-</i>	<i>Cybernetics</i>	“digital”	ciber-ataque, ciber-café, ciber-crime, ciber-cultura, ciber-espião , ciber-guerra
<i>wiki-</i>	<i>Wikipedia</i>	“enciclopédia sobre”	wiki-novela, wiki-aves, wiki-flora, wiki-juris, wiki-mapia, wiki-imagem
<i>e-</i>	<i>Eletronic</i>	“eletrônico”	e-comunidade, e-vendas, e-negociação, e-chantagem, e-mediador, e-professor
<i>i-</i>	<i>I-pod</i>	“pessoa”	i-Phone, i-Mac, i-Tablet, i-namoro, i-amigo
<i>pit-</i>	<i>Pitbull</i>	“agressivo”	pit-babá, pit-pai, pit-bicha, pit-bebê, pit-sogra, pit-namorado
<i>-leaks</i>	<i>Wikileaks</i>	“vazamento de informação”	Amazônia-leaks, Nikiti-leaks, planalto-leaks, Lula-leaks , pt-leaks, orkut-leaks
<i>-gate</i>	<i>Watergate</i>	“escândalo”	banheiro-gate, Piquet-gate, panetone Gate, maleta-gate, Mônica-gate
<i>-burger</i>	<i>Hamburger</i>	“sanduíche”	X-búrguer, franbúrguer, Bobs-búrguer, fishbúrguer, eggbúrguer

Na segunda situação acima apontada, reinterpretação de palavra pré-existente, o uso do formativo recém-criado pode, inicialmente, ser atribuído à ação da analogia, tal como definida na seção 2. Nesse caso, no entanto, não

temos formações isoladas, características de relações entre pares de palavras. Aqui, uma sequência fônica reinterpretada pode tornar-se recorrente e criar séries de palavras. Os constituintes em (23), a seguir, analisados em Gonçalves & Andrade (2012), são usualmente combinados com pedaços de palavras ou com palavras inteiras:

(23)

Forma	Exemplos	Palavra-modelo	Significado nas novas formações
<i>-drasta</i>	sogradrasta; paidrasto	madrasta	parente por empréstimo
<i>-lé</i>	sacolé; sucolé; wiskylé	picolé	picolé de
<i>-nejo</i>	pagonejo; quintaneja	sertanejo	sertanejo
<i>-nese</i>	macarronese; ovonese	maionese	salada de maionese com
<i>-ranha</i>	secretaranha; professoranha	piranha	prostituta
<i>-tone</i>	sorvetone; chocotone	panetone	panetone de
<i>-trocínio</i>	tiotrocínio; autotrocíniio	patrocínio	financiamento por
<i>-lândia</i>	cracolândia; macacolândia	disneylândia	lugar em que concentra
<i>caipi-</i>	caipifruta; caipiwodka	caipirinha	caipirinha
<i>fran-</i>	franbúguer; franfilé	frango	frango
<i>choco-</i>	chocotone; chocomania	chocolate	chocolate
<i>euro-</i>	euro-dólar; euro-túnel	Europa, europeu	Europa; europeu
<i>info-</i>	info-peças; info-professor	informática; informação	informática; informação
<i>narco-</i>	narco-tráfico; narco-dólar	narcótico	droga

As dez primeiras partículas de (23) provêm de fenômenos de *blend*. Por exemplo, a sequência *-nese*, que não corresponde a nenhum constituinte morfológico em 'maionese', foi isolada a partir do cruzamento vocabular 'macarronese' ("maionese de macarrão"), que favoreceu a criação de palavras em série por meio da substituição, à esquerda, do ingrediente contido, em abundância, na salada feita com maionese: 'ovonese' ("salada de maionese com ovo"), 'camaronese' ("salada de maionese com camarão"), 'bacalhonese' ("salada de maionese com bacalhau"). Os três últimos elementos são formas recorrentes oriundas de *clippings* que não incidem em elementos morfêmicos. De fato, *info*, *euro-*, *narco-* e *choco-* não têm qualquer estatuto morfológico nas formas que lhes deram origem: 'informática' / 'informação', 'Europa', 'narcótico' e 'chocolate'.

Na literatura atual, tais partículas recebem o nome de *splinters*: elementos que, como os afixos, ocorrem numa borda específica da palavra, mas, em função de seus significados, correspondem a lexemas. *Splinters*, portanto, formam uma classe à parte, situada entre radicais e afixos (BAUER, 1988; WARREN, 1990; LEHRER, 1998). Dessa maneira, *clippings* e *blends* desempenham importante papel na morfologia do português, já que podem formar *splinters*, deixando, com isso, de ser interpretados como exclusivamente não morfêmicos. De acordo com Booij (2005, 2007), *splinters* participam de esquemas de formação de palavras semelhantes aos da derivação e composição. Resta falar de um último recurso que parece ter proliferado nos dias de hoje: a recomposição.

6 Recomposição

Em português, assim como em inglês, há formativos que se situam entre a classe dos radicais e a classe dos afixos: são os chamados afixoides (GONÇALVES; ANDRADE, 2012), elementos que participam do processo de recomposição (MONTEIRO, 1987; CANO, 1998). Referimo-nos a partículas como *bio-*, *petro-*, *eco-*, *homo-* e *tele-*, entre tantas outras. Isolados, tais elementos são sempre refenciados como característicos de uma linguagem mais técnica, erudita, devendo ser tratados como formalmente aprendidos, "uma vez que não são produtos da evolução natural; têm sido recuperados das línguas clássicas, principalmente nos últimos dois séculos" (RALLI, 2010, p. 2). No entanto, as novas formações distanciam-se dos eruditismos mais antigos e experimentam usos até bastante populares, como comprovam os exemplos em (24), a seguir:

(24)	cybercondria	verborragia	frangorexia
	espermoteca	eco-turismo	homo-afetivo
	bio-combustível	tele-sexo	aero-Lula
	auto-peças	tecno-macumba	petro-dólar

Sem dúvida alguma, as formações em (24) apresentam elementos morfológicos que de fato parecem afixos: além de recorrentes e com alta aplicabilidade a itens lexicais nativos, tais formativos se fixam numa posição específica na estrutura da palavra, podendo, por isso, ser descritos por meio de esquemas de formação (BOOIJ, 2005) bastante parecidos com os projetados por afixos.

De acordo com Gonçalves (2011a, p. 13), tem-se recomposição quando “parte de uma palavra complexa é encurtada e adquire novo significado especializado ao se adjungir sistematicamente a formas com livre-curso na língua”. As formações recompostas caracterizam o que pode ser denominado de compactação (*zipagem*), termo que corresponde, em inglês, a *secretion* (JERPERSEN, 1925; WARREN, 1990)⁷: um arqueoconstituente, isto é, um radical neoclássico, adquire, “numa relação de metonímia formal, o significado do composto de que era constituinte e atualiza esse conteúdo especializado na combinação com novas palavras” (GONÇALVES, 2011b, p. 19).

Na recomposição, os elementos neoclássicos veiculam significado diferente do etimológico. Por exemplo, ‘auto-socorro’ nomeia um “tipo assistência técnica (socorro) para carros”, ‘eco-via’, uma “rodovia cercada por áreas verdes” e ‘aero-Lula’, o “o avião do ex-presidente Lula”. Em resumo, a recomposição faz uso de elementos morfêmicos (radicais gregos e latinos) que se especializam semanticamente e adquirem novos usos. No quadro a seguir, listamos alguns afixoides ora utilizados em português. A lista, sem dúvida alguma, não é exaustiva; arrolamos apenas os mais comuns:

⁷ Em inglês, o termo *secretion* remete ao ato ou ao processo de separação, elaboração e envio de substância que preencha adequadamente alguma função, motivo pelo qual traduzimos *secretion* por compactação.

(25)

Afixoide	Exemplos	Palavra-modelo	Significado nas novas formações
<i>aero-</i>	aero-lula; aero-modelismo	aeronave	avião
<i>agro-</i>	agro-negócio; agro-comércio	agronomia	agrícola
<i>auto-</i>	auto-peças; auto-escola	automóvel	carro
<i>bio-</i>	bio-combustível; bio-diesel	Biologia; biológico	biologia; biológico
<i>eco-</i>	eco-taxa; eco-via	ecologia; ecológico	ecologia; ecológico
<i>foto-</i>	foto-montagem; foto-estúdio	fotografia	fotografia
<i>homo-</i>	homo-afetivo; homofóbico	homossexual	gay
<i>moto-</i>	moto-escola; moto-ladrão	motocicleta	motocicleta
<i>petro-</i>	petro-química; petro-dólar	petróleo	petróleo
<i>tecno-</i>	tecno-funk; tecno-macumba	tecnologia; tecnológico	digital (referência a ritmo eletrônico)
<i>tele-</i>	tele-pizza; tele-sexo	telefone; televisão	a distância
<i>-nauta</i>	internauta; cosmonauta	astronauta	que navega por
<i>-rréia</i>	pentelhorréia; piolhorréia	seborréia	infestação de
<i>-rragia</i>	verborragia; cabelorragia	hemorragia	queda/descarga profunda de
<i>-rexia</i>	ortorexia; frangorexia	anorexia	falta de alimentação por
<i>-teca</i>	maridoteca; esmateca	biblioteca	lugar em que se reunem

7 Lexicalização de Afixos

Por lexicalização de afixos, entende-se o “processo pelo qual afixos (ou formas combinatórias) adquirem o estatuto de item lexical independente, isto é, começam a funcionar como formas livres” (SZYMANEK, 2005, p. 436). Um caso bem conhecido é o dos chamados prefixos composicionais (SCHWINDT, 2000), que, de acordo com Belchor (2009), podem, pelo processo de *clipping*, ser utilizados sozinhos em referência a uma palavra derivada de que são constituintes:

- | | |
|-------------------------------|------------------------|
| (26) micro-computador > micro | micro-empresa > micro |
| ex-marido > ex | tricampeão > tri |
| pós-graduação > pós | pré-vestibular > pré |
| vice-campeão > vice | sub-chefe > sub |
| bissexual > bi | extraordinário > extra |

Palavras Finais

Esperamos ter dado provas, com este pequeno ensaio, de que a formação de palavras em português também se mostra inovadora e, como defende Szymanek (2005, p. 446), em quem nos inspiramos, “mantém muitas pessoas ocupadas: em primeiro lugar, o usuário comum, o jornalista ou homem da mídia, o escritor e o *copywriter*, e todas as outras pessoas que gostam de testar, de tempos em tempos, os limites da criatividade morfológica”. Em função da diversidade de usos, a formação de palavras obviamente mantém ocupados principalmente os morfólogos, que precisam estar atentos às constantes criações e descrever, com o devido rigor, os recém dispositivos de que o usuário lança mão, conscientemente ou não, para nomear novas atividades ou para expressar pontos de vista.

Referências

ADAMS, V. *Complex words in English*. Harlow: Longman, 2001.

ALMEIDA, M. L. L. *Bolsas e cabeças de todos os tipos*. In: SEMINÁRIO DO NEMP, 2., 2010, Rio de Janeiro. (mimeo)

ALVES, I. M. *Neologismo*. São Paulo: Ática, 1990.

ANDRADE, K. E. *Uma análise otimalista unificada para mesclas lexicais do português do Brasil*. 2008. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

ASSUNÇÃO, F. P.; GONÇALVES, C. A. A humorfologia dos cruzamentos vocabulares em Português: análise da coluna de Agamenon, de o Globo. *Veredas* (UFJF), v. 13, p. 57-71, 2009.

BASILIO, M. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.

BASÍLIO, M. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 1, p. 9-21, 1997.

BAUER, L. *English word-formation*. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BAUER, L. *Introducing to Linguistic Morphology*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 1988.

BAUER, L. *Morphological productivity*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

BAUER, L. English prefixation – a typological shift? *Acta Linguistica Hungarica, New Mexico*, v. 50, n. 1, p. 33-40, 2003.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: DRESSLER, W. et al. (Eds.) *Morphology and its demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 97-108.

BECHARA, E. *Gramática da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Grifo, 1983.

BELCHOR, A. P. V. *Construções de truncamento no português do Brasil: análise estrutural à luz da Teoria da Otimalidade*. 2009. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2009.

BOOIJ, G. Compounding and derivation. Evidence for construction morphology. In: DRESSLER, W. et al. (Eds.) *Morphology and its demarcations*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2005. p. 109-131.

BOOIJ, G. Construction morphology and the lexicon. In: MONTERMINI, F.; BOYÉ, G.; HARBOUT, N. (Eds.). *Selected proceedings of the 5th Décembrettes. Morphology in Toulouse*. Somerville, MA.: Cascadilla Press, 2007. p. 34-44.

BUENO, F. S. *Grande dicionário etimológico-prosódico da língua portuguesa*. São Paulo: Lisa, 1988.

CANO, W. M. O formativo tele- e suas variantes no português atual do Brasil. *Alfa*, São Paulo, n. 42, p. 9-22, 1998.

CARONE, F. B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 1990.

CASTRO DA SILVA, C. A formação de verbos parassintéticos em português. 2012. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2012.

COUTINHO, I. L. *Pontos de gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao livro técnico, 1973.

CRYSTAL, D. *The Cambridge Encyclopedia of the English Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

CUNHA, A. G. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

DANKS, D. *Separating blends: a formal investigation of the blending process in English and its relationship to associated word formation processes*. Liverpool: University of Liverpool, 2003.

FANDRYCH, I. Submorphemic elements in the formation of acronyms, blends and clippings. *Lexis – E-Journal in English Lexicology 2: Submorphemics*, 2008.

FARIA, A. *Análise morfossemântica dos compostos nominais transferenciais*. 2011. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2011.

GÓES, C. *Dicionário de afixos e desinências*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1937.

GONÇALVES, C. A. V. Formações X-eiro: um estudo sobre produtividade Lexical. *Expressão*, Teresina, v. 1, n. 3, p. 9-29, 1995.

GONÇALVES, C. A. V. Blends lexicais em português: não-concatenatividade e correspondência. *Veredas* (UFJF), Juiz de Fora, v. 14, n. 1, p. 16-35, 2003.

GONÇALVES, C. A. V. *Flexão e derivação em Português*. Rio de Janeiro: Fac Letras/UFRJ, 2005a.

GONÇALVES, C. A. V. Relações de identidade em modelos paralelistas: morfologia e fonologia. *D.E.L.T.A.*, São Paulo, v. 21, n. 1, p. 75-119, 2005b.

GONÇALVES, C. A. V. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá* (UFF), v. 21, p. 219-242, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. Composição e derivação: polos prototípicos de um *continuum*? Pequeno estudo de casos. *Domínios da Linguagem*, Uberlândia, v. 5, n. 2, p. 63-94, 2011a.

GONÇALVES, C. A. V. Compostos neoclássicos: estrutura e formação. *REVEL – Revista Virtual de Estudos da Linguagem*, Porto Alegre, n. 9 (especial), p. 5-37, 2011b.

GONÇALVES, C. A. V. Construções truncadas no português do Brasil: das abordagens tradicionais à análise por ranking de restrições. In: COLLISCHONN, G.; BATTISTI, E. (Orgs.). *Língua e linguagem: perspectivas de investigação*. Porto Alegre: EDUCAT, 2011c. p. 293-327.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E. O estatuto dos constituintes morfológicos e o *continuum* composição-derivação em português. 2012. (inédito).

GONÇALVES, C. A. V.; ALMEIDA, M. L. L. Por uma cibermorfologia: abordagem morfossemântica dos xenoconstituintes em português. In: MOLLICA, M. C.; GONZALEZ, M. (Orgs.) *Linguística e Ciência da Informação: diálogos possíveis*. Curitiba: Appris, 2011. p. 105-127.

GONÇALVES, C. A. V.; ANDRADE, K. E.; ALMEIDA, M. L. L. Se a macumba é para o bem, então é boacumba: análise morfoprosódica e semântico-cognitiva da substituição sublexical em português. *Linguística* (Rio de Janeiro), v. 6, p. 64-82, 2010.

HASPELMATH, M. *Understanding Morphology*. Oxford: Oxford University Press (Arnold Publications), 2002.

HOUAISS, A. *Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.

HUNDBLAD, G.; KRONENFELD, D. Folk-Etymology: haphazard perversion or shrewd analogy? In: COLEMAN, J.; KAY, C. J. (Eds.). *Lexicology, Semantics and Lexicography*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000. p. 19-34.

JESPERSEN, O. *Die Sprache, ihre Natur, Entwicklung und Entstehung*. Heidelberg: Carl Winters Universitaetsbuchhandlung, 1925.

JOSEPH, B. Diachronic Morphology. In: SPENCER, A.; ZWICKY, A. (Eds.). *The handbook of Morphology*. Oxford: Blackwell, 1998. p. 351-73.

LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. Campinas: Pontes, 1994.

LEHRER, A. Scapes, holics and thons: the semantics of combining forms. *American Speech*, v. 73, n. 1, p. 3-28, 1998.

LIMA, B. C. A formação de 'Dedé' e 'Malu': uma análise otimalista de dois padrões de Hipocorização. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

MARINHO, M. A. F. *Questões acerca das formações X-eiro do português do Brasil*. 2004. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

MARONEZE, B. O.; BAZARIM, M. Uma proposta para o ensino de neologia no Ensino Médio. In: SIMPÓSIO MUNDIAL DE ESTUDOS DE LÍNGUA PORTUGUESA, 1., 2008, São Paulo. *Anais...* I SIMELP, 2008.

MONTEIRO, J. L. *Morfologia portuguesa*. Fortaleza: EdUFC, 1987.

PIZZORNO, D. M. *Polissemia da construção X-eiro: uma abordagem cognitivista*. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras Vernáculas) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2010.

PLAG, I. *Morphological productivity: structural constraints in English Derivation*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1999.

PLAG, I. *Word-formation in English*. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

RALLI, A. Compounding versus derivation. In: SCALISE, S.; VOGEL, I. (Eds.) *The Benjamins Handbook of compounding*. Philadelphia: John Benjamins, 2010.

RONDININI, R. B.; GONÇALVES, C. A. V. Formações X-logo e X-grafo: um caso de deslocamento da composição para a derivação? In: *Textos selecionados do XXII Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística (APL)*. Coimbra/Lisboa: Colibri, 2007. p. 533-546. v. 22.

RONDININI, R. B. *Formações X-ólogo e X-ógrafo no português: uma abordagem derivacional*. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

SANDMANN, A. J. *Formação de palavras no português contemporâneo brasileiro*. Curitiba: Scentia & Labor, 1985.

SANDMANN, A. J. *Morfologia geral*. São Paulo: Contexto, 1989.

SANDMANN, A. J. *Morfologia lexical*. São Paulo: Contexto, 1990.

SAPIR, E. *Language: an introduction to the study of speech*. New York: Harcourt: Brace and World, 1921.

SCHWINDT, L. C. *O prefixo no português brasileiro: análise morfofonológica*. 2000. Tese (Doutorado em Letras) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. 2000.

PAULA, J. P.; SOUZA, M. N. Breve análise sobre os sufixos *-ito* e *-itcho* (e suas variantes) no português brasileiro. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 113-130, 2011.

STOCKWELL, R.; MINKOVA, D. *English words: history and structure*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

SZYMANEK, B. The latest trends in English word-formation. In: ŠTEKAUER, P.; LIEBER, R. (Eds.). *The handbook of word-formation*. Netherlands: Springer, 2005. p. 429-448.

ŠTEKAUER, P. *An onomasiological theory of English word-formation*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1998.

THAMI DA SILVA, H. *Uma abordagem otimalista da Hipocorização com padrão de cópia à esquerda*. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

VIALLI, L. A. D. *A reduplicação no Baby-talk: uma análise pela Morfologia Prosódica*. 2008. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2008.

WARREN, B. The Importance of Combining Forms. In DRESSLER, W. et al. (Eds.). *Contemporary morphology*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1990. p. 111-132.